

## O tempo da saudade ou a saudade lida através do tempo

Maria Celeste Leite Augusto da Matta Cabral  
Universidade Estácio de Sá

O presente trabalho se propõe a estudar a saudade como tema recorrente na literatura universal. Para isto, foram necessárias leituras diversas e foi utilizada uma abordagem antropológica. O texto teórico estudado foi a “Antropologia da Saudade”, que constitui o primeiro capítulo do livro *Conta de Mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*, de Roberto Da Matta. Recorri também a estudos da literatura portuguesa nas obras de Eduardo Lourenço e Jorge Dias. Procurei também fazer um recorte da teoria literária e alinhá-la com o romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto. Este alinhamento me permitiu “ler” o texto de Mia Couto procurando nele pontos onde a saudade era sentida e expressa, preocupando-me, de certa maneira, em ter um olhar de pesquisador no texto romancado.

Embora a palavra saudade tenha a “fama” de só existir na língua portuguesa e por isso parece ser um dos vocábulos mais bonitos e expressivos de nossa língua, sabemos que o sentimento é universal e é percebido e expressado, universalizando-se. Joaquim Nabuco escreveu sobre a saudade e já dizia em sua conferência no Colégio Vassar, em 1909, que:

No entanto, saudade não é senão uma nova forma, polida pelas lágrimas, da palavra soledade, solidão. É o caso singular que só uma raça humana haja destilado da palavra solidão seu efeito na alma; que uma apenas possua palavra para exprimir a dor de uma perda ou da ausência unida ao desejo de tornar a ver e que só uma raça tenha esse sentimento constantemente à flor dos lábios. (NABUCO, 1909).

E também escreveu o missionário americano Thomas Ewbank, que viveu no Rio de Janeiro em meados do séc XIX, que:

Não temos alguma nem meia dúzia de palavras que sejam equivalentes a saudade. Essa palavra exprime não apenas recordação e boa vontade, mas também amor por alguma coisa e desejo pela mesma. Inclui tudo o que pode significar afeição por um ausente e por esse motivo é habitualmente usada na correspondência entre parentes e amantes. (EWBANK).

Ao lermos as definições e os usos do vocábulo saudade, sabemos estar diante de uma “palavra performativa” que tem a capacidade de juntar significante e significado, transformando-se em ação por sua propriedade de provocar e evocar sentimentos.

Para entender um pouco mais sobre o assunto escolhido, foi necessário ler um pouco sobre a cultura e sociedade portuguesa. Ao ler o texto Os elementos fundamentais da cultura portuguesa de Jorge Dias, deparei-me com sua definição sobre o povo português. Ele diz que o português, ao contrário do espanhol, não é individualista e possui um grande fundo de solidariedade humana. A mentalidade portuguesa é complexa, pois resulta da combinação de fatores diferentes e, às vezes, de fatores opostos que são lugar a um “estado de alma sui generis” que o português chama de saudade. Esta parece resultar da combinação de três tipos mentais distintos: o lírico sonhador, o fáustico e o fatalístico. Ele explica que:

Por isso, a saudade é umas vezes um sentimento poético de fundo amoroso ou religioso, que pode tomar a forma panteísta de dissolução na natureza, ou se compraz na repetição obstinada das mesmas imagens ou sentimentos. Outras vezes é a ânsia permanente da distância, de outros mundos, de outras vidas. A saudade é então a força activa, a obstinação que leva à realização das maiores empresas; é a saudade fáustica. Porém, nas épocas de abatimento e de desgraça, a saudade toma uma forma especial, em que o espírito se alimenta morbidamente das glórias passadas e cai no fatalismo de tipo oriental, que tem como expressão magnífica o fado, canção citadina, cujo nome provém do étimo latino fatu (destino, fadário, fatalidade). (DIAS, 1995).

Para o antropólogo Roberto Da Matta, a saudade é uma categoria do espírito humano e tem dentro dela a manifestação luso-brasileira de certos valores e ideologias. Para Da Matta, a saudade tem um conceito duplo. A saudade é uma experiência universal, pois trata da experiência da passagem, da duração, da demarcação e da consciência reflexiva do tempo e isto é comum aos homens em todas as sociedades; e, por outro lado, a saudade singulariza, especifica e aprofunda a experiência cultural do medir, falar, sentir, classificar e controlar o tempo.

A saudade expressa, então, uma categoria sociológica que pode ser didaticamente estudada. Está relacionada às nossas experiências e estas são aprendidas e construídas socialmente. Não são as experiências individuais e fragmentadas que irão caracterizar a saudade neste estudo.

Levaremos em consideração as experiências sociais enquanto grupo. A existência social da saudade como foco ideológico e cultural vai nos permitir a percepção aguda do sentimento. Nos é ensinado a amar e ao sentir saudades é que percebemos que amamos. Sei que amo porque sinto saudade. Sendo assim, o caminho que construímos sobre este sentimento não vai sendo construído do indivíduo para a sociedade. Ele é construído através da memória coletiva que vai se individualizando e sendo reconhecida individualmente enquanto perda, nostalgia, melancolia, enfim, saudade.

A saudade, como categoria social, apresenta o aspecto da temporalidade. Assim, pela saudade, invocamos e dialogamos com momentos de tempo e ao sentirmos saudade, é possível reviver e re-experimentar experiências. A percepção de tempo neste momento passa a ser uma experiência interna e pode ser passada de geração em geração. Como isso pode acontecer? Acontece porque como lemos em “A Aliança”, conto inédito de Roberto Da Matta, “o que vale mesmo é a história, o seu conteúdo, o que ela contém e como é contada”. A saudade aí é explicada como um elemento que marca e particulariza o tempo. Neste espaço relacional é que mora a “Antropologia da Saudade”. Porque nele, o que fica são as histórias, as relações. As pessoas desaparecem porque morrem mas nos lembramos delas por causa das relações, dos significados. Ao lembrar o passado num tempo presente é possível apontar para o futuro já que também é possível relativizar o tempo. A saudade entra como o elemento que vai conectar esses dois tempos (passado e futuro), nos permitindo reviver, lembrar e juntar sentimentos, olhando para um futuro, isso tudo sendo vivido no presente. O conto “A Aliança” termina assim, lembrando histórias e amor, desse modo “Todas feitas daquelas histórias e daquele amor que não tem, como a aliança que ele havia feito com cada um de nós, começo ou fim”.

No livro de Mia Couto, o romance impressiona ao contar a história de Mariano, jovem africano que retorna a Luar-do-Chão, sua ilha natal, na ocasião do falecimento de seu avô Dito Mariano. Na cidade, Mariano adquiriu hábitos de branco. Mas, ao retornar, descobre ser o responsável pelo sepultamento de seu avô e inicia uma viagem de conhecimento e reconhecimento de si mesmo e dos seus, obrigando-o a retornar hábitos antigos da família e a conhecer suas histórias.

Através de cartas escritas pelo avô Dito Mariano é que Mariano vai conhecendo a história da família e fica sabendo sua real origem. O avô fala com ele através de cartas. Tais cartas aparecem escritas, porém a caligrafia é sua. Este é um aspecto cultural africano que podemos perceber no livro. O morto “fala” através das cartas que aparentemente são escritas por Mariano. Ele, porém, não tem consciência de escrevê-las, considerando-as como sendo verdadeiramente escritas por Dito Mariano.

No capítulo 3, percebe-se um dado curioso. Em África, o morto permanece no caixão numa sala destelhada, que é para facilitar a transição na fronteira entre o mundo dos vivos e dos mortos. Esta característica permite que o tempo necessário seja levado em conta enquanto se tem a certeza de que o morto está bem morto para ser enterrado. Ao observar o avô, Mariano se recorda de sua afável temperança. Ele lembra características do avô, seu jeito, seu caminhar e, através do uso do discurso direto, vai contando ao leitor a maneira de

proceder do avô, trazendo o passado para o presente. Neste momento, Mariano pensa: “Ter um avô assim era para mim mais que um parentesco. Era um laço de orgulho nas raízes mais antigas. Ainda que fosse uma romanteação das minhas origens mas eu, deslocado que estou dos meus, necessitava dessa ligação como quem carece de um Deus”.

As cartas psicografadas vão aparecendo e explicando a Mariano muitas coisas. Esse diálogo de fato vai esclarecendo coisas a Mariano, tornando-o de fato menos estrangeiro em sua terra. No capítulo 6, a avó Dulcineusa diz ao neto que se planta os mortos. A explicação que se segue é muito interessante. Diz assim:

A palavra que usara? Plantar. Diz-se assim na língua de Luar-do-Chão. Não é enterrar. É plantar o defunto. Porque o morto é coisa viva. É plantar o defunto. Porque o morto é coisa viva. E o túmulo do chefe de família como é chamado? De yindlhu, casa. Exactamente a mesma palavra que designa a moradia dos vivos. Talvez por isso não seja grande a diferença entre o Avô Mariano estar agora todo ou parcialmente falecido. Percebe-se que a relação da palavra vida com a palavra casa é fundamental na cultura africana e não é muito diferente de nossa cultura brasileira. (COUTO, 2004).

A carta que aparece no capítulo 10 é também incrível. Nela, o avô explica que usa o recurso da escrita por esta ter mais distância, além do que sua voz já não é tão visível (usa o sentido da visão no lugar do sentido auditivo). Ele então se compara ao besouro (animal negro, que abre as asas externas para levá-lo adiante guardando as asas internas para ser levado mais adiante, para além dele). E prossegue dizendo ao neto que “A velhice me ensinou: o amor é coisa de vivo. Ou talvez o amor seja a mãe de toda a coisa viva. Pois, eu, mesmo antes, nunca fui bem vivo. Por isso, nunca o amor foi para mim”, justificando-se nos sentimentos pouco expansivos sobre o amor que demonstrava, sentia e nutria por sua mulher Dulcineusa.

No capítulo 16, o avô Dito Mariano escreve mais uma carta ao neto e nela ele questiona a força do amor. Respondendo a pergunta feita, Dito Mariano diz que Luar-do-Chão começou a morrer no momento em que quis ser outra terra, quis ter outra existência, ser um outro lugar. E pede que o neto o escute. O escute em seus ensinamentos. E encerra a carta com uma bonita definição de saudade:

Enfim, de minha alma restou o quê? Um amontoado de saudades. Minha alma é um ferro velho, na sucata do mecânico João Celestioso. A saudade É uma ferrugem, raspa-se e por baixo, onde acreditávamos limpar, estamos semeando nova ferrugem. Era o que, agora, mais me dava sofrimento. Saudade do bom copo, saudade de ter corpo e não o sentir, saudade até de mijar bem do alto de mim. Saudade dos sabores

da vida, desses temperos que me esperavam. Não era a refeição que eu comia, era a própria vida que era servi da, em pratos sempre luzidinhos. (COUTO, 2004).

A revelação do avô que queria ser enterrado nas margens do rio no capítulo 20 vai esclarecendo ao leitor o ciclo da água e da vida no qual o avô acreditava e faz acontecer com ele a despeito de sua morte. Sendo assim, depois do funeral a chuva não parou de cair e o neto Mariano vai descobrindo que o lugar do sepultamento torna-se um lugar especial onde o reencontro com o avô acontece. Mariano recorda do avô assim “antigo e eterno”, deitando-se sob as ramadas da maçanqueira.

No último capítulo Mariano diz ao leitor que sente saudades das cartas, da correspondência secreta entre os dois. “As cartas me fizeram nascer um avô mais próximo, mais a jeito de ser meu. Pela sua grafia em meus dedos ele se estreava como pai e eu renascia em outra vida”, dizia assim a derradeira carta psicografada por Mariano e escrita pelo avô numa espécie de despedida comovente.

O avô e o neto (pai e filho sabemos agora) têm um lugar em comum onde se encontram e revivem numa dimensão que transcende o corpo (que renasce em outro o neto cumpre, segundo o avô, “o ciclo de visitas”. Ele visitou a casa, a terra, o homem, o rio tudo o mesmo ser, só que com nomes diferentes). O avô chama isto de vida. E, segundo ele, o neto alcançou a outra margem, para além do rio, por detrás do tempo.

## Referências

COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras: 2004.

DAMATTA, Roberto. *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

\_\_\_\_\_. *Conto inédito a aliança*. Niterói, RJ: 2004.

DIAS, Jorge. *O essencial sobre os elementos fundamentais da cultura portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995.

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade Psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

\_\_\_\_\_. *Portugal como destino seguido de mitologia da saudade*. Lisboa: Gradiva, 1999.